

**NOVENA
PARA
PECAR
EM
PAZ**
contos



BEATRIZ LEAL CRAVEIRO
CINTHIA KRIEMLER (ORG.)
LISA ALVES
LÍVIA MILANEZ
MARIA AMÉLIA ELÓI
MARIANA CARPANEZZI
PATRÍCIA COLMENERO
PAULLINY GUALBERTO TORT
ROSÂNGELA VIEIRA ROCHA

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Cynthia Kriemler

CAPA
Mariana Carpanezzi

FINALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K92N KRIEMLER, CYNTHIA. -
NOVENA PARA PECAR EM PAZ /
CYNTHIA KRIEMLER (ORG.). -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

102 P. : 21 CM.

ISBN 978-85-5833-258-3

1. CONTOS I. TÍTULO

CDD.: B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Luz negra

Beatriz Leal Craveiro

Paula senta apoiada no fogão. Sente o chão gelado apenas do meio da coxa para baixo, onde o short do *baby-doll* não cobre. Chora. Há cinco minutos, Rodrigo saiu do apartamento, batendo a porta não porque estava puto — embora estivesse — mas porque é assim mesmo que ele lida com portas. Antes de sair, imputava culpas e mentiras e verdades.

“Eu nunca disse que voltaria às 2h. Você está louca! Nem sei quem é Roberta. De quem você está falando?”

No chão da cozinha, agora, Paula se pergunta se inventou Roberta, se inventou diálogos. Já se foram duas garrafinhas de Maracugina e ainda não dormiu. Quer que seu corpo fique pesado o necessário para que o mundo fique míope, que ela caia dormindo ali mesmo, no chão da cozinha, com os ombros frios de azulejo. Se a Maracugina não der certo, três vinhos baratos talvez resolvam.

Talvez ele volte já já com champanhe e uma caixa de chocolate, talvez até com flores, como se nada tivesse acontecido. Talvez ele suma por dois dias e depois diga que foi ela quem pediu para ele ir embora, talvez diga que ela o expulsou de casa, e ela vai acreditar, sem se atrever a perguntar onde ele esteve.

Agora Paula esmurra paredes, quebra quadros, grita e chora em um volume que faz os vizinhos pedirem para o porteiro arrombar a porta. Ele a encontra sentada no parapeito da janela, olhando pessoas assombradas na praça à frente.

O diagnóstico é surto psicótico. Do caminho de casa até o hospital, Paula não pede colo, não pede anestésias, não pede alucinógenos, não pede água, não pede pela mãe ou pelo marido ou pelo amor de deus. Tudo o que ela pede é Desculpe.



Não sei se foi assim mesmo que aconteceu. Não faço ideia se Paula usa *baby-doll*. Essa é a versão que construí baseada no que o Rodrigo falou no bar naquela noite, no que os médicos disseram quando fui visitá-la no hospital, no que o porteiro do prédio fofocou e no que ela delirou nas semanas que seguiram.



Na primeira vez em que a vi, senti pena. Paula era tão bonita quanto seus ombros se erguiam para a frente. Ela

poderia intimidar qualquer mulher que se aproximasse de Rodrigo. Mas de tanto olhá-lo, parou de se enxergar — o que fez com que ela ficasse um saco de pessoa. Minha pena logo se transformou em preguiça.

Eles entraram no bar do Onofre. Não estavam de mãos dadas e ele não a apresentou. Ela só deu um “oi” geral, sentou-se, e para as pessoas ao lado disse “prazer, Paula”. Enquanto ele perambulou por umas quatro mesas diferentes, ela se levantou uma única vez, para ir ao banheiro, andando como alguém bem menor que a própria altura. Dadas as circunstâncias, a gente até podia fingir que eles não eram um casal. E assim fazíamos. Não sei identificar o que saía dos olhos de Paula cada vez que me via. Ciúme, inveja, raiva, curiosidade, comparação?

Além da risada propositadamente alta — com a boca bem aberta — toda vez que Rodrigo fazia um trocadilho, eu dava-lhe um tapinha no ombro, enquanto jogava meu tronco para trás, “como você é bobo!”. Minha mão na minha franja.

Ele nunca me comeu. Para mim era suficiente Rodrigo me chamar pelo diminutivo ou de “irmã”. “Cuida bem da minha irmã”, ele dizia para os meus ficantes. Praticávamos o incesto que cometem aqueles amigos que se conhecem há poucos meses e dizem se considerar irmãos. Quando Rodrigo chamou a Roberta de Robertinha, meu coração se partiu um pouco. Era como se eu estivesse perdendo a proteção do toldo que as letras ‘i’, ‘n’, ‘h’ e ‘a’ formam quando estão de mãos dadas.

Do que eu não sabia era que, ao chamar a gente pelo diminutivo, Rodrigo nos diminuía ao tamanho de Paula: frágil, dominada, cativa. Mas esse é o máximo de princesa que consigo ser. Não quebro fácil. Só finjo que sim e ganho atenção de todos eles, incomodando todas elas. Como um bom pesadelo, tenho a faculdade de me deitar à cama com quantos casais eu quiser, ao mesmo tempo.

O que faço não é sabotagem. Só quero provar um ponto. Não acredito no amor.



Não acredito no amor e sou livre.

Disseram-nos que nos tornamos eternamente responsáveis por tudo o que cativamos. No entanto, o verbo utilizado na história original, em francês — *apprivoiser* —, na realidade significa “domar”. O tradutor quis ser mais poético do que os registros oficiais dos dicionários e levou gerações inteiras a acreditar que fazer uma raposa esperar por alguém todos os dias no mesmo horário era algo bom, como se cativar alguém fosse algo bom, como se cativar alguém não levasse a um lugar horrível como um cativeiro.

Não acredito no amor e sou livre. A única pessoa eternamente responsável por mim sou eu.



Eu achava que Paula sabia o marido que tem. Deveria ser óbvio. Ele nunca está com ela entre 21h e 2h às quartas e quintas-feiras. Assim mesmo: dois dias seguidos. No fim de semana, varia entre quando ela o acompanha e quando ele está sozinho. Nunca a vi sorrir e isso me dava pena dele. Que saco deve ser conviver com uma pessoa engasgada. Inclusive, nem fazia sentido ele estar com ela. Paula já não era mais bonita há algum tempo. Ao contrário do que ela devia tentar se convencer, nós não queríamos estar em seu lugar.

Rodrigo reclamava. Dizia que ela era brava e ciumenta, perfeccionista e controladora. Isso me dava raiva desse tipo de mulher que se casa — raiva que me distraía de perguntar como, então, ele conseguia estar o tempo todo com a gente sem seu celular tocar.

Tocou uma vez só. A gente estava no bar e ele se levantou para atender na calçada. Gritou tão alto que da nossa mesa a gente conseguia escutar “Você é louca!”. O engraçado é que suas mãos não gesticulavam, e isso destoava do volume. Ele a violava sem mover os dedos. Mas só fui perceber depois. Naquele dia, eu ainda acreditava nele quando ele disse, em paz, “A Paula enchendo o saco de novo”. Sua voz não ficava rouca.

Paula passou a frequentar mais nossos churrascos e quando bebia conseguia se soltar. De vez em quando eles explodiam em briga. De novo, ouvíamos a palavra “louca” em berros grossos, enquanto ela chorava de soluçar. Nunca sabíamos o que ou quem era a ignição. Normalmente,

terminava com ela deitada na canga na grama do clube, exausta, e ele apagado em algum banco de madeira.

Na última vez em que isso aconteceu, fui eu quem deu carona de volta para eles. Enquanto Rodrigo exalava vodca a cada ronco no banco de trás, ela se esforçava em sugerir assuntos agradáveis, como se não estivesse fanha ou com nariz e sobrelhas vermelhos. Fiquei imaginando a dor de cabeça que aquela mulher devia estar sentindo. E percebi o quanto ela se esforçou para sorrir.

Ela não sabia quase nada sobre mim. E descobri que eu não sabia nada sobre um amigo que eu chamava de irmão. Que desperdício da palavra irmão. “Ai como você é bobo”. Odiei-me por um instante. E, pela primeira vez na vida, senti necessidade de pedir desculpa a alguém. Filho da puta: agora eu me odeio e me culpo.

Acelerei o carro, cantei pneu, e freei bem em cima de uma lombada, fazendo nossos corpos serem levemente jogados para frente. De propósito. Coloquei minha mão na coxa dela e olhei em seus olhos vermelhos: “foi mal”.



Rodrigo é roteirista, e Paula a atriz perfeita. De tanto memorizar falas, Paula passou a escrevê-las. Ela mesma inventa álibis para Rodrigo e, hoje, já não sabe mais o que criou e o que existiu. Acha que inventou a

Robertinha. Naquele apartamento de ar-condicionado e janelas fechadas, Rodrigo define o que é realidade.

Imagino o timbre da voz dele se fixando na massa encefálica dela. Uma linha que entra pelos ouvidos e se intromete nas sinapses, alterando a intensidade das faíscas que devem ser as conexões nervosas. Grava-se lá dentro de maneira que, só de ouvir sua voz, ela se impele a não reagir — o que não deixa de ser uma reação.

Uma vibração de voz capaz de acender luzes e ao mesmo tempo cegar. Uma vibração de voz que empurra e encurrala, e que, por fim, substitui a vibração do outro. Após navegar pelas linhas gosmentas do cérebro da vítima, desce até a garganta para equalizar as cordas vocais, que só reproduzirão o que lhe foi invadido. Já não se diz, já não se enxerga. Agora só existe ouvir e repetir. Paula é a atriz perfeita.

She can't always be wrong, he can't always be right.

É engraçado uma banda chamada “Pequena Alegria” tocar músicas sobre esta história. Cordas de ukulele e cordas vocais pedindo ajuda com timbres leves.

Paula não sabe, mas pede liberdade cada vez que entra em um cômodo. Liberdade, *licentia* em latim. Já culpa em latim é culpa mesmo, e significa uma falta que foi de fato cometida. Desculpar-se — des-culpa — é admitir a falta. Quando não há crime, deve-se pedir licença, liberdade.



www.editorapenalux.com.br

 penaluxeditora@gmail.com

 [/editorapenalux](https://www.facebook.com/editorapenalux)